

**NOVOS FATORES GERADORES DE RIQUEZA NA ERA DO CONHECIMENTO:
UMA PROPOSIÇÃO ESTRATÉGICA****Hermes Mendes Santos¹****Martinho Isnard Ribeiro de Almeida²****RESUMO**

O objetivo do estudo é analisar a validade atual dos fatores de produção vigentes há mais de 200 anos, Terra, Capital e Trabalho, como geradores de riqueza e, constatada sua ineficácia, na atual era do conhecimento, contrapor novos fatores estratégicos e dinâmicos, capazes de melhor alavancar as organizações, os negócios e as economias, no novo milênio.

¹ Administrador de Empresas, mestre em Administração pela FEA/USP de São Paulo, SP, Brasil. Diretor da Global Focus Agência de Desenvolvimento.- E-mail: hermesmendes@uol.com.br

² Administrador de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, SP, Brasil, mestrado e doutorado pela FEA/USP. Professor do Departamento de adm. da Faculdade de Economia, adm. e Contabilidade da Universidade de São Paulo - . E-mail: martinho@usp.br

1. INTRODUÇÃO

Adam Smith, nos idos de 1790, identificou, constatou e documentou em seu *A Riqueza das Nações*, a importância do claro entendimento e aplicabilidade dos fatores geradores de riqueza.

Após mais de 200 anos de prevalência dos elementos ***Terra, Capital e Trabalho***, por *Adam Smith* identificados como os fatores, quase exclusivos, a garantir a geração de riqueza, a sua infalibilidade ficou impregnada no imaginário do homem econômico.

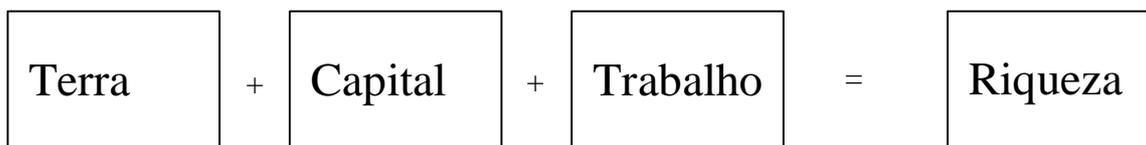
Até os dias atuais, a falência da maioria dos empreendimentos é debitada à crônica falta de capital. A razão alegada por empresários para não empreender é a falta desses recursos. A culpa do não-desenvolvimento dos países é da falta de capital. A razão do desemprego é a falta de investimento em recursos produtivos e, assim por diante.

A recente expansão e conseqüente prevalência mundial do sistema capitalista trouxe a globalização, marcada por inovações tecnológicas e organizacionais, que vem promovendo profundas transformações na sociedade. Essas inovações acarretaram alterações no processo econômico, impondo a necessidade de repensar os fatores geradores de riqueza, definidos como recursos ou insumos fundamentais para a produção econômica de bens e serviços.

A identificação e correta conceituação dos reais e atuais fatores geradores de rendimento e a maneira como eles são distribuídos e combinados, tem relevância para as organizações e para a economia como um todo, uma vez que o preço desses fatores e o custo da produção são de fundamental importância na produtividade e rentabilidade das organizações e no funcionamento da economia. O correto dimensionamento desses fatores, sua reconceituação e adequação aos novos processos de produzir riqueza são aspectos indispensáveis às estratégias atuais das organizações e até dos países.

2. OS FATORES DE PRODUÇÃO TRADICIONAIS

Os fatores de produção tradicionais, descritos por Smith (1790) em *A Riqueza das Nações*, são três: ***Terra, Capital e Trabalho***, que durante centenas de anos geraram, respectivamente, valorização, lucros ou dividendos e salários e cuja combinação ótima proporcionaram rendimento e, ao seu acúmulo ou poupança, chamamos de riqueza.



O fator ***Terra***, aqui utilizado na sua acepção mais ampla, compreende os fatores de produção físicos e tradicionalmente tangíveis. ***Terra***, neste contexto, significa áreas para agricultura e pecuária, mas também representa fazendas, florestas, rios, mares e lagos, minas de água, ouro, diamantes e outras fontes de recursos do subsolo, poços de petróleo, todo e qualquer tipo de recurso natural explorável, prédios, construções, instrumentos, equipamentos, utensílios e máquinas não intensivas em tecnologia, enfim todos os recursos exploráveis oferecidos pela natureza ou de tecnologia amplamente dominada pelo homem.

As características principais do tradicional fator de produção **Terra**, atualmente, são: finitude, limitação, exaustão, divisibilidade e incapacidade de reter valor, ou seja:

- Finitude - Quanto mais se usa mais próximo do fim ele está;
- Limitação - Quanto mais se usa mais claros ficam os seus limites;
- Exaustão - Quanto mais se explora mais exaurido ele fica;
- Divisibilidade - Quanto mais se divide, deixa seus donos menos ricos; e
- Incapacidade de reter valor - Quanto mais o tempo passa menos valioso esse fator se torna, eliminando sua antiga capacidade de ser garantia e reserva de valor.

O fator **Capital** é representado pelos recursos de ordem financeira. Estão neste contexto incluídos, obviamente, o dinheiro, as vantagens fiscais e para-fiscais, incentivos legais como reduções ou isenções de impostos, utilização de paraísos fiscais, zonas francas para importação ou exportação, *drawbacks*, implantação de unidades produtivas em áreas de incidência de menores impostos, redução de encargos trabalhistas ou previdenciários, pagamento de impostos e encargos com títulos ou bens menos valorizados, renúncia fiscal temporária ou definitiva, tributação exacerbada de concorrentes ou de produtos sucedâneos e a proteção aduaneira.

Compreende também os empréstimos e financiamentos subsidiados, a oferta de juros inferiores aos do mercado, as transferências de recursos materiais, econômicos ou financeiros internacionais com vantagens fiscais, as chamadas de investidores para vantajosas aplicações de capitais de pouco risco, os lançamentos de ações em bolsas privilegiadas, o oferecimento de bens físicos, como imóveis e máquinas, para incentivar a implantação de empresas, o comodato não-oneroso, a aquisição hostil de empresas, a manipulação de informações financeiras privilegiadas, os desvios, legais ou ilegais, de objetivos contratados de investimentos subsidiados, a compra de bens a preços vis e oportunistas, a agiotagem e cobrança de juros escorchantes, o contrabando e outras operações fornecedoras de vantagens exclusivamente financeiras.

As características do fator **Capital** são:

Divisibilidade: Quanto mais se divide, seus donos ficam menos ricos;

Incapacidade intrínseca de reter valor: Sua ociosidade ou inoperância diminui seu valor, via processos inflacionários ou fixação de menor valor por organismo próprio (Bancos Centrais, etc.).

O fator **Trabalho** compreende a utilização intensiva da mão-de-obra como elemento de produção, buscando a economia e redução de custo deste fator, como aspecto gerador de vantagem competitiva.

Compreende a mão-de-obra escrava, semi-escrava, mal-paga, infantil, juvenil, explorada ao limite das forças físicas do trabalhador. É o uso intensivo das horas de labor diárias, ao menor custo possível, a bem do resultado econômico da organização. É o esforço e a capacidade física do trabalhador explorada à exaustão, objetivando o alcance de riqueza para o empresário.

Riqueza é o acúmulo do rendimento proporcionado pelos fatores de produção. Uma das confusões estabelecidas pelos leigos é a não separação do fator **Capital** do elemento **Riqueza**, provavelmente, pelo fato de os dois se fazerem representar principalmente pelo dinheiro ou recursos financeiros.

Uma rápida análise histórica da evolução do processo produtivo e, conseqüentemente, da aplicabilidade e intensidade de utilização desses fatores dá uma correta dimensão da vida dos fatores geradores de riqueza, no decorrer dos tempos.

Na agricultura escravista, o processo era de exploração da mão-de-obra escrava, conseqüentemente intensiva de **Trabalho** e, ao mesmo tempo, utilizava extensas áreas das fazendas tornando, também, intensiva do fator **Terra**. Apesar da utilização de algum recurso financeiro, a preponderância maior era, dos fatores **Terra** e **Trabalho**, com menor utilização de **Capital**.

No período manufatureiro, o peso maior estava no emprego do **Trabalho**, uma vez que os meios de produção utilizados eram, basicamente, artesanais.

Com o advento, mesmo modesto, das máquinas e equipamentos, o uso intensivo do **Trabalho** foi acrescido da necessidade de **Capital** para aquisição desses equipamentos, rapidamente denominados **Terra** pela simplicidade tecnológica do mesmo.

Com o desenvolvimento das tecnologias, o fator **Terra** perde significativamente expressão.

O seu tradicional significado de reserva de valor, de garantia de *status* e até de ostentação, perde força, passando a representar apenas imobilização contábil e financeira e, por conseguinte, imobilismo de recursos, a depender de outros fatores, como tecnologia, para se inserir de forma contributiva nos processos produtivos.

3. INEFICÁCIA DOS FATORES TRADICIONAIS

Smith (1790) propôs que o **Trabalho** era a medida universal e real do valor de troca de todas as mercadorias. Era o padrão através do qual podia-se comparar valores de mercadorias em locais e tempos diferentes.

Já se evidenciava à época a preocupação com o alcance de um fator universal indicativo de valor, como acontece hoje com o dólar americano. Naqueles tempos, o trabalho era o valor e o dinheiro, o preço nominal. A questão que se coloca hoje é: numa sociedade em que o trabalho pouco vale, quanto vale o bem?

Tanto à época como hoje, a fragilidade é a característica principal do indicativo de valor. Hoje, é possível ver, que se dá maior atenção ao preço nominal do bem ou serviço do que seu real ou relativo valor. Observa-se, portanto, com o passar do tempo, um descasamento do valor do trabalho para com o valor do dinheiro.

A falta de paridade do valor do dinheiro com qualquer lastro e a intangibilidade e virtualidade do seu valor são características da nova sociedade do conhecimento. O preço, hoje, é uma *commodity*, alcançável até via internet, o valor é algo menos identificável. Franco (1999) lembra que a falta de lastro transforma a representação do dinheiro em algo mais importante que sua substância.

Uma das características interessantes dos tradicionais fatores de produção é a sua divisibilidade que leva à redução de seu valor, ou seja, o proprietário de um bem como uma fazenda de 10.000 ha., por exemplo, se a divide, em herança, entre os seus 10 filhos, todos eles serão muito menos ricos que o pai fora.

A incapacidade dos bens materiais de reter ou de atuar como reserva de valor significou o primeiro fato a reduzir a eficácia dos fatores *Terra* e *Capital* como fatores de produção. Hoje, é comum comprar-se um automóvel por 10 mil dólares e logo após a saída da agência constatar-se que o mesmo já vale 10, 20, ou 30% menos do que se pagou por ele.

O enfraquecimento do fator *Trabalho* como fonte de valor e a oferta exacerbada de mão-de-obra a qualquer custo, originada do desemprego estrutural, levou à ineficácia do fator como gerador de riqueza.

A criação da empresa mais poderosa do universo, a Microsoft, capaz de criar valor da ordem de 500 bilhões de dólares, em 20 anos, parece ser o exemplo cabal da ineficácia dos velhos fatores, na medida em que foi constituída a partir de um recurso financeiro de 10 mil dólares, ou seja, não era intensiva de *Capital*, da mão-de-obra inicial de 2 pessoas, ou seja, não intensiva de *Trabalho* e era totalmente destituída de recursos físicos e naturais, ou seja, de fatores *Terra*.

4. NOVA ERA E TENDÊNCIAS

O florescer de uma nova economia, baseada no conhecimento, é o marco a estabelecer um distanciamento entre os fatores tradicionais e os novos fatores geradores de riqueza.

Segundo Davis e Mayer (1999), a redução da importância e significado das principais dimensões do universo, tempo, espaço e massa, cedendo lugar, respectivamente, à velocidade ou ação em tempo real, à conectividade e à intangibilidade ou não matéria, transformam a economia, fazendo com que a inovação tecnológica, e a criatividade no seu desfrute, representem o diferencial competitivo que transforma a organização em mutante imbatível.

Davis (1988) destaca algumas tendências que têm que ser entendidas, para que se possa alcançar a verdadeira dimensão da nova sociedade do conhecimento e seu impacto nas estratégias organizacionais:

- Administração, gestão e conformação social são recursos e não resultados.
- A inteligência, o conhecimento e a competência conduzem à eficácia.
- A competência é importante patrimônio incorporal.
- Uma vez alcançado um objetivo já não é mais um objetivo, ou seja, prestigia-se a inovação constante e continuada.
- As atividades de apoio têm que se transformar em atividades-fim ou desaparecerão.
- As organizações representam processos e dinâmicas e não estruturas físicas.
- As estruturas têm que ser constituídas de energia e informação e não de elementos providos de massa.
- A organização é um fenômeno intelectual, independente de tempo, espaço e matéria.
- Os valores incorporais predominam sobre os corporais.

- Um produto é um conhecimento apresentado sob a forma corporal, um serviço é um conhecimento apresentado sob forma incorporeal.
- Quanto mais aceleradas são as mudanças, mais se precisa utilizar a imaginação e a inovação.
- Os recursos são finitos, mas as informações são infinitas.

Essas tendências, vistas da ótica das nações e dos países, permitem entrever o limiar de uma nova economia, verdadeiramente política e humana e não científica e objetiva.

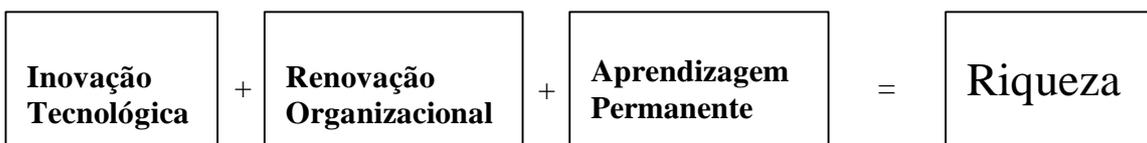
Exemplos de empresas com as características citadas já existem centenas. São organizações holísticas, virtuais, pouco tangíveis fisicamente, mas altamente competentes e eficazes em suas ações. Organizações como: Microsoft, Yahoo, FedEx, Ponte Aérea, Volkswagen Caminhões Consórcio Industrial, Amazon, Linux, AOL, AT&T, SAP e outras.

5. PROPOSIÇÃO DE NOVOS FATORES ESTRATÉGICOS GERADORES DE RIQUEZA

Sementes geneticamente manipuladas, adubos que reconstituem o solo, novas formas de construir, máquinas programáveis por computador, robôs que garantem maior produtividade, informações migrando em tempo real ou a velocidades jamais vistas e os processos de globalização financeira e de teletrabalho fazem com que o conhecimento passe a ser fator primordial no processo produtivo. O conhecimento inovador passa a ser a verdadeira medida de valor.

A tecnologia, entretanto, devido à alta velocidade de sua mudança atual requer processos de renovação radicais e constantes e o melhor termo a substituir o fator *Terra*, parece ser *Inovação Tecnológica*.

NOVOS FATORES ESTRATÉGICOS GERADORES DE RIQUEZA



Empresas capazes de inovar, diuturnamente, têm sido exemplos de organizações intensivas de tecnologia que substituíram os fatores *Terra* por alta intensidade dos fatores carregados de *Inovação Tecnológica*.

A capacidade que teve a Microsoft, quando lançou o ambiente Windows em substituição ao ambiente DOS que, diga-se de passagem, era sua mais importante *vaca leiteira*, é exemplo pronto da *Inovação Tecnológica* radical e bem direcionada. Em pouquíssimo tempo o Windows desbancou e destruiu toda a base instalada do DOS, transformando em pó o trabalho de vários anos, mas reconstruindo o setor, em espaço competitivo pouco conhecido e não dominado. Isso se fez possível com a preempção global, a que se referem Hamel e Prahalad (1995, p. 285), ou seja, combinando a competência inovadora a uma estratégia que permitiu à Microsoft atingir globalmente o mercado.

A velocidade das transformações fará com que, cada vez mais, haja necessidade de renovação dos processos, tornando cada empresa sua mais voraz e competitiva concorrente.

A importância de que o novo fator seja entendido como **Inovação Tecnológica** e não apenas como tecnologia é fundamental, pois permite identificar o potencial que a criatividade aplicada ganha na nova sociedade que está sendo construída.

Desse modo, a **Inovação Tecnológica** assume papel de fator de produção. A **Inovação Tecnológica**, é aqui entendida como conhecimento inovador aplicado, ou seja, a capacidade de criar, inovar em produtos, serviços, processos e meios de fazer e não somente a tecnologia fisicamente representada tangível e factual.

As pessoas estão acostumadas a falar de tecnologias no sentido físico da sua concepção, a exemplo da melhor tecnologia de um relógio, de um celular ou de um computador. Como fator de produção, a **Inovação Tecnológica** tem de ser concebida em acepção mais ampla, ou seja, a capacidade de inovar conhecimento aplicável e de aplicá-lo, efetivamente, de forma nova.

A importância de descorporificar, de tornar intangível ou de virtualizar a **Inovação Tecnológica** é extremamente alta, na medida em que se pode melhor valorizar o *saber fazer* e o *fazer*, que qualquer cidadão pode incorporar. Melhor explicando, **Inovação Tecnológica** é a capacidade de fazer algo bem e de forma inovadora transformada em ação, em atitude, conceito, produto, serviço ou resultado.

Há de se conceber a grande **Inovação Tecnológica** que significou o conceito de Fábrica Enxuta da Toyota, estruturada a partir de melhorias contínuas, sem que jamais alguém tivesse podido tocá-la. Pode-se destacar, também, a importância do processo de logística da FedEx, capaz de enviar, em 24 horas, objetos e volumes do Japão para o Brasil, com índice de problemas próximo de zero e sem que essa tecnologia tenha qualquer tangibilidade física.

Pode-se, portanto, conceber que o fator **Terra**, na nova sociedade do conhecimento, está sendo substituído pelo fator que podemos denominar de **Inovação Tecnológica**.

O **Capital** mostrou-se, também, limitado em seu alcance, na medida em que excedentes de recursos financeiros no mercado mundial e juros internacionais, cada vez menores, obrigam poupadores a buscarem alternativas produtivas para seus excedentes de recursos. Somente, fatores de produção renováveis são capazes de gerar rendimentos continuados e cada vez maiores.

As organizações muito mais fluidas, oriundas da nova economia baseada no conhecimento, requerem um poder de alavancagem que somente novas conformações sociais poderão oferecer. A necessidade de se renovarem sistemas, processos e conformações sociais, além do poder de alavancagem, transforma a habilidade gestora em recurso produtivo importante e constantemente renovável.

A Renovação Organizacional representa os novos arranjos e as novas conformações sociais oriundas de definições quanto a capital aberto ou fechado, S/A ou limitada, fusões, incorporações, parcerias, desverticalização, terceirização, oligopolização, monopolização, cooperação, cisão, operação através de empresas interpostas, estudos de realocação, operações centralizadas e descentralizadas, novos sistemas de relacionamento com clientes, teletrabalho, importação, exportação, *rightsizing*, *just-in-time* e outros sistemas de renovação das organizações, instrumentos poderosos na capacidade de alavancagem dos velhos e novos recursos produtivos.

Algumas organizações poderosas conseguem prescindir de sede, outras líderes prescindem de patrimônio financeiro, outras importantes prescindem de marca, outras competentes prescindem de funcionários, evidenciando a necessidade da inovação constante nos processos organizacionais e de gestão, aqui denominada de **Renovação Organizacional**.

Com recursos financeiros, em volumes superiores a 40 trilhões de dólares, migrando de país a país, de organização a organização a velocidade jamais vista, ofertando-se a juros de 2 a 4% a.a., a complexidade atual não está em possuí-los, mas sim em como conseguir a conformação social adequada para aportá-los ou deles usufruir.

Dezenas de organizações, como StarMedia, Globocabo, Zaz, Uol, TimeWarner, lucrativas ou não, aportando volumes astronômicos de capitais são exemplos da profunda alteração que está sendo operada nos mercados de capitais.

As organizações da era do conhecimento representadas na bolsa Nasdaq americana obtiveram, nos últimos 12 meses, crescimento no valor de suas ações superior a 108%, enquanto o índice Dow Jones valorizou-se apenas 1,8%, segundo Costa (2000).

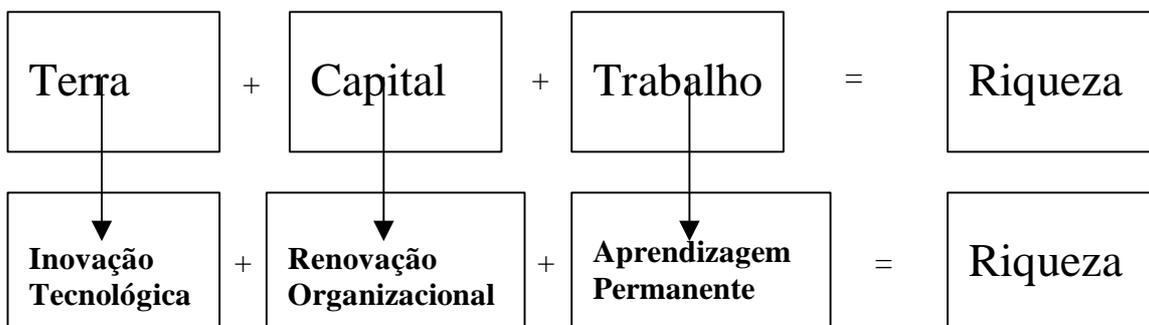
O fator **Trabalho** certamente também está sendo substituído por algo que se pode chamar de qualificação, competência ou capacidade de aprender constantemente. A este fator dá-se o nome de **Aprendizagem Permanente**.

A questão mais grave na nova economia do conhecimento é a transição da grande massa de trabalhadores de processos produtivos consubstanciados na mão-de-obra, preponderantemente física, para novos processos baseados na qualificação e na competência. A repercussão das inovações tecnológicas e organizacionais sobre o trabalho produziu efeitos devastadores na mão-de-obra desqualificada requerendo ações de gestão de transição das mais complexas.

Certamente, também quando do início da produção industrial do automóvel, grande número de cocheiros, condutores de carroças, tratadores, domadores e adestradores de cavalos devem ter ficado desempregados. Hoje, com a grande produção mundial de automóveis, a indústria automobilística oferece milhões de oportunidades de trabalho a mais que a produção de carroças ou o trato de animais de tração.

A complexidade, portanto, está em como qualificar devidamente essa mão-de-obra e como fazê-la aprender permanentemente, num processo educacional renovado e inovador que consiga aprimorá-la, diuturnamente, de forma a atender a mutante e crescente demanda de novas e intercambiáveis competências.

Os novos fatores estratégicos geradores de riqueza podem, portanto, ser apresentados da seguinte forma:



6. IMPACTO DA MUDANÇA

A mais significativa mudança oriunda da concepção estratégica de novos fatores geradores de riqueza é o conjunto de novas possibilidades que desse fato originam.

Quem ontem não tinha uma idéia inovadora, hoje pode tê-la. Quem ontem não tinha uma determinada competência pode adquiri-la, hoje. Quem ontem usava uma conformação organizacional não alavancadora pode mudá-la hoje. A grande novidade é que os novos fatores são alcançáveis, mediante demanda, ao passo que os fatores tradicionais eram menos flexíveis e dificilmente obtidos.

As mais representativas mudanças certamente acontecerão em três níveis: na mentalidade das pessoas, nas estratégias das organizações e na economia como um todo.

Mentalidade:

As pessoas de iniciativa não terão mais pretextos para não empreender. Os recursos são perfeitamente alcançáveis a partir de processos educacionais e de busca de conhecimento. Se as pessoas entenderem a aprendizagem como um processo perene e para a vida toda, cada vez mais o nível de qualidade de vida das populações será melhorado.

Estratégia das organizações:

As organizações deixarão de direcionar sua energia para a busca dos tradicionais fatores para se concentrarem na busca desses fatores mais poderosos e que contribuirão profundamente para a melhoria das suas condições econômicas.

Imagine-se que o Movimento dos Sem-Terra deixe de matar ou de morrer pela posse da terra e concentre toda aquela energia na qualificação de seus trabalhadores ou na conformação de organizações capazes de alavancar os sonhos de seus militantes. Hoje, ao adquirir a terra, o sem-terra tem que buscar a qualificação para trabalhá-la, a tecnologia para operar os processos produtivos e a organização que possa alavancar a sua comercialização. Seria suficiente que ele perseguisse os novos fatores e ao consegui-los, provavelmente, nem necessitaria da terra.

Economia

Sabe-se hoje que o poderio econômico advém do capital intelectual. O exemplo vem da nova economia norte-americana alavancada na inovação tecnológica e na tecnologia da informação.

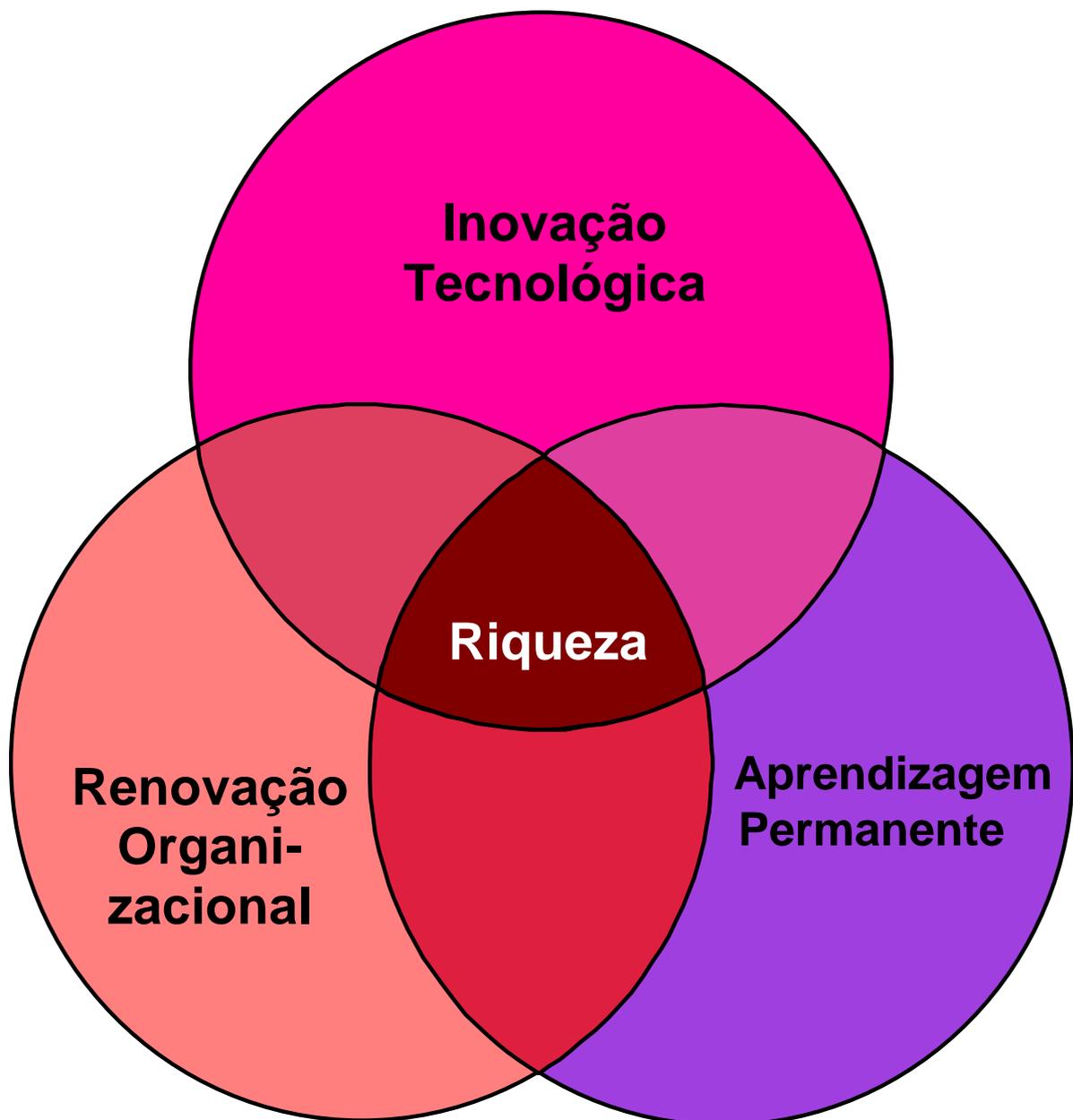
Muitos consideram o desenvolvimento recente dos EUA como uma bolha que a qualquer momento poderá explodir. Espera-se, há anos, que o desastre acabe por destruir toda aquela estrutura desprovida de massa, intangível e conectada e transforme em escombros as estruturas fluidas de suas organizações. Isso não parece tão iminente de acontecer. A economia norte-americana demonstra pujança crescente e poderá alavancar, por muitos anos, as economias de países pobres, em crescimento ou dependentes. Na impossibilidade de se criar tecnologia absolutamente inovadora, a possibilidade de apropriação de tecnologias dominadas, já é meio de desenvolvimento.

A interconexão dos novos fatores e a intensividade de sua utilização será o diferencial competitivo das organizações e dos países no novo milênio. A forma de visualização dos novos fatores será mais dinâmica, na medida em que se conseguir ver o seu efetivo funcionamento. Imagens da interconexão desses fatores poderão ter o

equilíbrio proposto adiante ou ganhar intensidade diferente ou diferenciada, de acordo com a necessidade e a complexidade de cada negócio.

Exemplo da interconexão equilibrada dos novos fatores geradores de riqueza propostos:

Novos fatores Geradores de Riqueza



7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Grande parte das crises atuais é originada de desajustes ou fricções entre preço e valor. A recente grande crise do sudeste asiático, por exemplo, mostrou que havia excesso de capitais para comprar os mesmos bens. Um único e elegante prédio em Tóquio era capaz de ter preço nominal superior ao de uma usina elétrica como a de Itaipu, por exemplo, que demandou 20 anos para ser construída, com um aporte incomensurável de recursos. Ou seja, os preços não identificavam corretamente os valores dos bens e serviços. Na medida em que novos fatores geradores de riqueza puderem, de novo, atuar como parâmetros para identificação de valor, boa parte das crises estará debelada.

Cada um dos novos fatores geradores de riqueza propostos, *Inovação Tecnológica*, *Renovação Organizacional e Aprendizagem Permanente*, poderá ser bom indicativo de valor, da mesma forma em que, historicamente, cada fator *Terra*, *Capital* ou *Trabalho* o foi, cada um a seu tempo.

O conhecimento, de forma genérica e ainda mais ampla que os fatores propostos, poderá, no futuro, ser bom indicativo de valor. O seu desmembramento em ícones e *constructos* novos, como os fatores geradores de riqueza propostos neste estudo, representa apenas método para entendimento, compreensão e utilização, de forma inovadora, de informação estruturada já existente.

As ciências administrativas da era do conhecimento, certamente, perseguirão soluções para novas complexidades como meios de acumulação e formas de transferência do conhecimento, estruturas organizacionais capazes de aprender, estratégias de agregação continuada de valor a produtos e serviços, meios de multiplicação do poder de alavancagem dos novos fatores geradores de riqueza, deixando de lado a busca e partilha insana de recursos estáticos e incapazes de melhorar a qualidade de vida das nações.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRIDGES, William. *Mudanças nas relações de trabalho*. Tradução José Carlos Barbosa dos Santos. São Paulo: Makron Books, 1995.

COSTA, Roberto T. *A velha economia da nova economia*. São Paulo: Gazeta Mercantil, 13/03/2000, p.A-3.

DAVIS, Stan e Meyer Christopher. *Blur*. São Paulo: Ed. Campus, 1999.

DAVIS, Stanley. *Dirigir au Futur*. Paris: InterEditions, 1988.

FRANCO, Gustavo. *A globalização é um boi voador*. Artigo Caderno Economia. São Paulo: Jornal O Estado de São Paulo, 06.06.99. B.7 p.

HAMEL, G. e PRAHALAD, C.K. *Competindo pelo Futuro*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1995, p.285.

SMITH, Adam. *Investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações*. 3 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

WONNACOTT, Paul e WONNACOTT, Ronald. *Economia*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.